

Homo mobilis:

a nova era dos nômades

TEXTO

Nathale Ethel Fragnani

DIAGRAMAÇÃO

Nathale Ethel Fragnani

ILUSTRAÇÕES

Felipe Parucci

ORIENTAÇÃO

Aglair Bernardo

Esta reportagem é um Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina - semestre 2012.2

Homo mobilis: a nova era dos nômades

Texto: Nathale Ethel
Ilustrações: Felipe Parucci

Em um *flat* recém-alugado em frente ao Parque Franklin em Missoula, Montana, o americano Colin Wright edita em seu laptop uma *newsletter* que logo será enviada aos leitores cadastrados em seu blog, o *Exile Lifestyle*. No texto curto, ele explica que nos próximos meses terá a cidade de Missoula como seu endereço fixo, e se desculpa por adiar a próxima viagem internacional para o fim do ano. O empreendedor, designer e escritor de 27 anos quer administrar de perto a editora de livros *Assymetrical*, que criou com dois amigos também americanos há dez meses, enquanto ainda morava na Romênia. Missoula fica no Norte dos Estados Unidos, a 16 horas de carro até sua cidade natal, São Francisco, Califórnia; e a 23 de Columbia, Missouri, onde morou durante toda a adolescência. Mas nem por isso Wright irá viver na nova cidade como quem está no país onde nasceu. Ele pretende viver ali da mesma maneira que tem vivido nos últimos cinco anos: como estrangeiro. “Encaro essa mudança do mesmo jeito que encarei todas as outras. E isso significa fazer muito *networking* com pessoas interessantes e se envolver de verdade com os locais para entender como as coisas funcionam”, explica. Certamente, o

contraste cultural será pequeno quando comparado ao que sentiu nos primeiros meses morando na Argentina, Nova Zelândia, Tailândia, Islândia, Índia ou Romênia; mas certamente enfrentará outro tipo de mudança radical em seu estilo de vida: o de parar. Wright viaja frequentemente, mesmo depois de se instalar em um novo país. Nos Estados Unidos, ele não permanece por mais de um mês há cerca de cinco anos. “Quando o normal para mim era viver nos EUA, viajar o tempo todo era a coisa estranha a se fazer, mas também onde eu via a forma mais eficiente de crescimento. Agora, imagino que irei encontrar um grande aprendizado em ficar parado por aqui”, analisa o empreendedor.

Após enviar a *newsletter* utilizando uma rede Wi-fi emprestada – leia-se sem senha de proteção – Wright responde às mensagens em sua página do Facebook, onde compartilha informações no mínimo oito vezes ao dia. Para ele, postar links interessantes regularmente aos leitores é uma regra básica de marketing pessoal e relativamente prática, já que ele sempre está conectado pelo laptop ou celular. Em sua opinião, todo mundo deveria construir algum tipo de público, independente da finalidade. Seus leitores, por exemplo, fazem muito mais do que elogiar e criticar o trabalho de seu blog. A cada quatro meses, eles decidem

através de votação para que cidade do mundo Wright irá se mudar em seguida.

Tudo em Colin Wright grita nômade: do passaporte lotado de carimbos à mochila de viagem que carrega tudo que possui: 51 pertences. O rosto muito jovem para a idade engana apenas até ele começar a falar. A naturalidade na conversa via Skype deixa claro que o nômade está habituado a falar sobre sua vida. Os muitos conhecimentos e histórias parecem sair da boca sem esforço, em tom grave e discurso eloquente. Wright tem mesmo muito para contar. Poucas pessoas podem dizer, aos 27 anos, que viveram imersos em seis culturas completamente diferentes. Wright ilustra como ninguém um fenômeno que está fazendo antropólogos, sociólogos e jornalistas recuperarem o conceito antigo de nomadismo e trazê-lo para o vocabulário atual.

Nômades modernos, nômades contemporâneos, nunomads, tecno-beduínos, neo-beduínos: o conceito é um, mas o termo está longe da unanimidade. Eles não se referem aos executivos viajantes de colarinho como George Clooney em *Up in the air*. Não se referem também aos turistas ocasionais que lotam aeroportos e capitais do mundo durante as altas temporadas. Tampouco a algum povo nômade que viaja sobre camelos



ao mesmo tempo que usa laptops. Os nômades modernos são, na verdade, pessoas que, conectadas à internet, vivem e trabalham em qualquer lugar do mundo, inclusive enquanto se locomovem. Devido a “conexões à internet cada vez mais velozes e métodos de trabalho colaborativos e independentes de localização, nômades podem participar de sua vida profissional de qualquer lugar do mundo - não importa se na praia com um laptop, no aeroporto com um iPhone, no escritório de um cliente, em um avião trocando informações com outros nômades via internet ou em algum dos chamados espaços *co-working*”, esclarece o jornalista alemão Markus Albers no livro *Meconomy, How We Will Live and Work Tomorrow – and Why We Must Reinvent Ourselves Today*.

Um equívoco comum é confundir os nômades modernos com os executivos viajantes. Sempre em movimento, esses trabalhadores se locomovem condicionados pelas diretrizes da empresa para a qual trabalham. Nômades, por sua vez, optam pela liberdade de ir e vir, recusando a rotina profissional a que se condiciona a maioria. Só prendem-se a cargos corporativos se esses são parte de empresas que permitem a liberdade desse novo estilo de vida. Nômades modernos não vão ao trabalho, eles simplesmente o fazem. O lugar físico é uma variável secundária, já que o essencial é a permanente conectividade à internet. Conectados, podem trabalhar de qualquer lugar, e de fato, muitos deles acabam trocando o conforto do lar pela oportunidade de conhecer o mundo além do Google Earth.

Os beduínos, antigos nômades do deserto árabe, não costumavam carregar água em suas viagens. Isso porque sabiam exatamente onde se encontravam os oásis em meio à imensidão do deserto. “Assim como os beduínos, nômades modernos se caracterizam não pelo que carregam, mas pelo que deixam para trás”, conforme reportagem da *The Economist*. Seja durante uma viagem longa ou em pequenos deslocamentos, sabem que o ambiente proporcionará o que precisam: uma conexão à internet. Esses novos

nômades carregam pouco ou nada de papel, já que podem acessar arquivos e documentos com alguns cliques em seus laptops, tablets e celulares; as reuniões com colegas de trabalho ou clientes têm como único obstáculo a diferença de fuso-horário, já que programas como Skype e TeamLab permitem videoconferências e reuniões online em tempo real; programas de compartilhamento de arquivos como o Dropbox e Google Drive são capazes de sincronizar documentos de mais de 30 *gigabites* entre dois computadores separados pelo Atlântico. O mundo cada vez mais *wireless* oferece tudo que os nômades da atualidade precisam para sobreviver.

No mundo de sedentarismo em que estamos enraizados, nômades modernos de sucesso ainda são exceção. Porém, uma mudança significativa vem surgindo no modo como o homem se relaciona com os lugares, em função da mobilidade conquistada pelo avanço desenfreado da tecnologia nos últimos anos. O que não se pode negar, é que há uma quantidade de pioneiros do nomadismo, ainda não precisamente calculada, que está estimulando discussões entre estudiosos sobre o sentido que daremos a ideia de lar, pátria, espa-

Os leitores do blog decidem em que cidade do mundo Wright viverá nos próximos meses

ço e tempo em um futuro próximo. Por mais difícil que seja de acreditar nessa tendência, do conforto dos nossos sofás, há pessoas em diversas partes do mundo dispostas a vender o carro, a casa, fazer a mala e comprar uma passagem só de ida para qualquer lugar, a fim de viver e trabalhar em meio a novos cenários. A imagem, que mais parece literatura cosmopolita com o retrato de um típico *flâneur* de Char-

les Baudelaire, – segundo definição do autor, “uma pessoa que anda pela cidade a fim de experimentá-la” – pode ainda soar irreal para a maioria. Porém, graças à recente mobilidade tecnológica e ao estímulo por parte de companhias aéreas, esse cenário parecerá cada vez mais possível para qualquer trabalhador confinado em um escritório.

Enfim, Nômades

Desde os primeiros avanços tecnológicos, o homem busca a portabilidade. Como explica o economista Jackes Attali no livro *Uma breve história do futuro*, nômades sempre transportaram na bagagem objetos que os auxiliavam nas viagens: “o primeiro foi, provavelmente, uma pedra polida como talismã, depois vieram o fogo, as roupas, ferramentas, armas, joias, cavalos e o papiro. Logo foi a vez do livro, primeiro produto nômade produzido em massa. Depois, vários objetos que eram versões portáteis de artigos sedentários: relógio, câmera, gravador e lentes de aumento”.

O primeiro telefone celular da história foi comercializado pela Motorola em 1973. Ele tinha capacidade para apenas uma hora de conversação e pesava um quilo, cerca de dez vezes o peso dos aparelhos atuais. Também na década de 70, surgiram os primeiros protótipos de computador portátil. O *Osborne-1* foi o primeiro modelo a ser comercializado. A máquina pesava 11 quilos e tinha uma tela de duas polegadas. A invenção do revolucionário toca-fitas portátil permitiu aos adolescentes aposentar os gigantes aparelhos de som que carregavam sobre os ombros. Foi em 1982, quando a Sony comercializou o primeiro aparelho, batizado com um nome que sugeriu o que esperar da tecnologia nos anos seguintes: *Walkman*.

A portabilidade conquistada com os aparelhos que surgiram no mercado no fim do século XX, porém, não proporcionou a completa mobilidade. Muito menos a conectividade que experimentamos hoje. A internet como

nós a conhecemos só popularizou no século posterior, com o estímulo resultante da comercialização pelo setor privado. Sem a rede mundial de computadores, a mobilidade do homem permanecia limitada. Como observado pelo caçador de tendências Paul Saffo em entrevista à revista *The Economist*, a metáfora mais apropriada para as pessoas que carregavam tecnologia portátil no século passado é a de um astronauta ao invés de um nômade. O astronauta precisa carregar consigo todos os tipos de bugigangas com peso e formato incômodos, mal podendo se mover, pois só assim garante a sua sobrevivência no espaço.

A imagem de nômades equipados com tecnologia vagando pelo mundo constantemente é um fenômeno extremamente recente, que surgiu com o avanço acelerado da tecnologia móvel no início do século atual. Alguns teóricos defendem que a era dos nômades modernos só iniciou de fato com o lançamento do iPhone, da Apple, em junho de 2007. A metáfora com os antigos beduínos porém, aparece na literatura acadêmica há muito mais tempo, tendo seu início prematuramente proclamado várias vezes ao longo da história recente. O conceito de nômades modernos é creditado ao canadense Marshall McLuhan, legendário teórico de mídia nos anos 70. No livro *Understanding Media – The Extensions of Man* (“Compreendendo a mídia - As extensões do homem”), McLuhan previu a imagem de um trabalhador itinerante, que vaga pelo mundo carregando todos os seus pertences, sem ter a necessidade de um lar, embora não utilizasse o termo nômade para defini-los.

Apesar de visionário em relação à mobilidade, o cenário imaginado pelo autor americano não previa o fator essencial para a existência do nômade de hoje: a permanente conectividade. Até o final do ano 2011, havia mais de um bilhão de *smartphones* – os celulares inteligentes com acesso à internet – em atividade no mundo, o que equivale a um sexto do total de aparelhos celulares. Nem McLuhan pôde prever a conexão móvel ou a popularização impressionante que a internet teria. No mundo tecnologicamente mais desenvolvido de 1998, Jaques Atalli – considerado um dos mais importantes acadêmicos da França – definiu o século XXI como a chegada da era dos nômades digitais no seu livro *Dictionnaire du XXIe siècle*.

Seis nômades modernos de sucesso

Inspire-se na história de pessoas que reiventaram as regras do trabalho para viver em constante movimento:

Colin Wright muda de país a cada quatro meses e o destino é decidido por seus leitores. Seus pertences atuais se resumem a tudo que cabe em sua mochila: 51 itens.

Blog: exilelifestyle.com/

Twitter: @colinismyname

Post recomendado: *Start a freedom business*

Chris Guillebeau já esteve em 192 países dos 193 que pretende visitar até completar 35 anos. Atualmente está viajando em turnê por 45 cidades americanas para divulgar seu novo livro: o *\$100 Startup*

Blog: chrisguillebeau.com/

Twitter: @chrisguillebeau

Post recomendado: *Why you should quit your job and travel around the world*

Natalie Sisson é empreendedora e sustenta o estilo de vida nômade construindo empresas que possam ser dirigidas online. Com interesses versáteis, desenvolveu habilidades que vão desde apresentação de programas de TV a competições de fisiculturismo.

Blog: suitcaseentrepreneur.com

Twitter: @nataliesisson

Post recomendado: *Top 24 Blog Lessons Learned In Two Years*

Tim Ferris é autor do bestseller número um do The New York Times: o *The 4-hour work week*. Se você não o conhece, não conhece o mais famoso dos nômades modernos.

Blog: www.fourhourworkweek.com

Twitter: @tferriss

Post recomendado: *Scientific Speed Reading: How to Read 300% Faster in 20 Minutes*

Cody McKibben é nômade desde 2008 e administra uma empresa de seu laptop. Atualmente, viaja pelo Sul da Ásia, de onde faz consultorias para pessoas em todo mundo que pretendem desvincular-se do modo tradicional de se trabalhar.

Blog: www.thrillingheroics.com

Twitter: @codymckibb

Post recomendado: *Freedom in an Oppressive World*

Luis Suarez é uma espécie rara de nômade. Ele trabalha para a mesma empresa a 15 anos, dos quais 13 viveu viajando. Já morou em 11 países diferentes e hoje se encontra nas Ilhas Canárias, lugar pelo qual diz ter-se apaixonado.

Blog: www.elsua.net/

Twitter: @elsua

Post recomendado: *Productivity Tips on Presentations: Inform, Inspire and Motivate*



“Enviado de um dispositivo móvel”

Mais de uma década antes de escrever o livro *Being Digital*, Nicholas Negroponte previu que até o ano 2000, as indústrias da computação, telecomunicação e mídia iriam convergir. A previsão que se mostrou extremamente correta deu vida a tecnologia como a conhecemos hoje. Bruce Chatwin, um dos mais famosos viajantes do século, escreveu em seu livro *Anatomy of Restlessness* (“Anatomia da inquietude”), que “a louca obsessão do homem pelo progresso tecnológico é uma resposta natural às barreiras criadas pela nossa evolução geográfica recente”. De fato, a tecnologia de smartphones,

laptops e os recentes tablets permitem a permanente conectividade móvel, que é o cerne do nomadismo atual.

Se em comparação com a imagem clássica dos beduínos, o deserto do nômade atual é o mundo globalizado, a conexão com a internet é certamente seu oásis. No fim de 2011, um total de 159 países já tinha lançado a conexão 3G no mercado, segundo relatório do International Telecommunication Union (ITU) – agência da ONU responsável pela tecnologia de informação e comunicação – permitindo o acesso à internet através de operadoras de telefonia celular. O número de assinaturas da rede 3G no mundo tri-

plicou de 2008 até o segundo trimestre de 2012, segundo dados da Telecom, Inteligência em Telecomunicações. No Brasil, a primeira empresa de telefonia a oferecer a rede foi a Vivo, em 2004, com cobertura limitada a poucas cidades. Foi em dezembro de 2007 que um leilão das faixas de frequências foi realizado, quando as três principais operadoras do país (Vivo, Claro e TIM) conseguiram obter cobertura nacional. Até maio de 2012, 14% da população brasileira já possuía um *smartphone*, o equivalente a 27 milhões de aparelhos. O país apresentou o índice mais baixo dentre os 40 países analisados na pesquisa *Our Mobile Planet* (“Nosso planeta móvel”) realizada pelo



Ipsos Media CT e apoiada pelo Google. Os dados não deixam dúvida que uma parte significativa da população mundial possui as ferramentas essenciais para a sobrevivência dos nômades de hoje. A pesquisa do Ipsos ainda revela que 51% dos usuários do telefone inteligente no Brasil pretendem usufruir mais da internet num futuro próximo.

A Anatel realizou no ano passado uma licitação de frequências para a implantação de redes 4G, a quarta geração da internet móvel, que promete ser mais rápida. Enquanto a conexão oferecida hoje tem um limite de 14,4 Mbps (*megabites* por segundo) – embora quase nunca chegue a esse nível – a nova tecnologia é capaz de oferecer até 20 Mbps. Vivo, Tim, Claro, Oi, Sky e Sunrise adquiriram as frequências, sendo que a Claro já lançou oficialmente

sua rede 4G em Recife(PE), Campos do Jordão(SP), Paraty(RJ) e Búzios(RJ). O plano banda-larga mais básico, o internet 5GB, custa R\$119,90 mensais. O impressionante aprimoramento da internet móvel, o barateamento constante de aparelhos como *smartphones*, tablets e computadores pessoais estão tornando o mundo um verdadeiro oásis para o nômade moderno.

Mundo wireless

Nem só de 3G se fazem os oásis modernos. Os chamados *hotspots*, pontos de acesso à internet *wireless*, já deixaram as casas para invadir escolas, cafés, ruas e até aviões comerciais. A implantação das redes locais sem fio mudou inclusive, a forma de se pensar a arquitetura.

Se o deserto do nômade atual é o mundo, a conexão à internet é seu oásis

O fenômeno iniciou a discussão sobre os chamados *third places*, lugares que não são casa (*first place*), tampouco trabalho (*second place*), mas se assemelham aos dois. Os *third places* são lugares públicos multitarefas, que, claro, oferecem acesso gratuito à internet. O mais famoso deles é o Googleplex, um complexo de prédios da empresa Google, na Califórnia. O lugar mistura espaços de trabalho, entretenimento, alimentação e esporte, atendendo a todas as necessidades de quem o usufrui. Para o arquiteto americano Mark Jensen, as discussões sobre os *third places* já estão sendo substituídos por uma nova tendência: a de que não mais precisamos desses “escritórios” multitarefas, porque já é possível estar conectado com a internet todo o tempo, em qualquer lugar. Para ele, o novo escritório “é o sofá ou a beira da piscina”, diz em entrevista ao blog *Lifework*, de Herman Miller.

Chris Guillebeau – nômade moderno americano que está prestes a completar o projeto de viajar para todos os países do mundo antes dos 35 anos – é uma dessas pessoas que trabalha de qualquer lugar. “Se você precisa estar em um local específico para fazer seu trabalho, provavelmente não está preparado para viver a vida nômade”, analisa durante entrevista concedida a essa revista enquanto voava em direção ao Aeroporto Internacional de Dallas pela American Airlines. A visita à cidade faz parte da turnê de lançamento do seu livro *\$100 Startup*, no qual fala sobre como ganhar dinheiro à partir de uma vida de aventuras, significado e propósito. Guillebeau tem propriedade para escrever sobre o assunto. O nômade, que já visitou 192 países, diz nunca ter permanecido em um “trabalho convencional” ganhando um salário mensal fixo. No site do livro, *100startup.com*, uma mensagem tentadora ao leitor: “Imagine entregar uma carta ao seu chefe que diz ‘Querido

“Querido chefe, escrevo para informar que seus serviços não serão mais necessários”

Chefe, escrevo para informar que seus serviços não serão mais necessários. Obrigado por tudo, mas eu farei as coisas do meu jeito a partir de agora”.

Recentemente, a Google Inc., uma das maiores empresas de pesquisa relacionada à Internet, implantou conexão Wi-fi gratuita no bairro Chelsea, em Nova Iorque. A companhia diz que não há nenhum tipo de propaganda na rede, a não ser no nome da conexão. Segundo declaração do prefeito Michael Bloomberg à mídia, a conexão gratuita é a primeira de muitas que serão implementadas na cidade. Além de projetos de expansão da rede no mundo, há os que pretendem facilitar a busca das conexões *wireless* já oferecidas nos centros urbanos. É o caso do *Wi-fi Salvador*, projeto pioneiro no Brasil que mapeia pontos de conexão na capital baiana e os disponibiliza em um mapa virtual. “O trabalho funciona de três formas: a equipe se junta para ir atrás dos *hotspots*; a equipe adiciona pontos à medida que são identificados em meio às

atividades rotineiras; ou os pontos são identificados pelo público, que os sugere via email ou Twitter”, explica Nelson Oliveira, estudante e bolsista que atua desde 2006 no projeto que faz parte das atividades do Grupo de Pesquisa em Cibercidades da *Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas* da Facom/UFBA. Ele esclarece que os pontos de conexão gratuita abrangem todas as redes *wireless* sem senha de proteção – como as disponibilizadas pela prefeitura, por instituições e univer-

sidades públicas – além das oferecidas por estabelecimentos comerciais para seus clientes. No fim do ano de 2012, o grupo obteve a aprovação de um projeto pela Secretaria de Cultura do Estado para criar aplicativos para Android e iOS, visando levar o mapa de *hotspots* para mais pessoas. O aplicativo permitirá a procura pela Wi-fi mais próxima e será lançado gratuitamente este ano. O grupo não tem planos de expansão para outras cidades, mas não descarta a possibilidade de futuras parcerias.



A eterna angústia por explorar o mundo

O novelista escocês Robert Louis Stevenson viajava pelo simples prazer de se locomover: “Meu caso de amor é com o movimento”. Robert Burton, famoso estudioso da melancolia, acreditava que o nascer e pôr do Sol, o deslocamento das estrelas e o ciclo das marés existem “para nos ensinar que devemos estar sempre em movimento”. Mais radical, o filósofo Pascal acreditava que todo o mal do mundo tem origem de uma só causa: “a inabilidade do homem de

permanecer detido em um espaço por longo tempo”. Há os que acreditam que o a vida sedentária da atualidade é uma situação transitória. Ou que o “sedentarismo, por qualquer período, em cavernas ou castelos, foi, no máximo, uma condição esporádica na história do homem”, como opina o escritor e viajante Bruce Chatwin em *Anatomy of Restlessness*. Ele não está errado quando levamos em conta os estudos do economista Jaques Atalli. No livro *L'homme nômade* (“O homem nômade”), Atalli defende que o sedentarismo é fenômeno

recente e equivale a apenas 0,1% da história de 600 milhões de anos da humanidade. Examinando minuciosamente a trajetória dos homens, o autor levanta o fato de que o homem enquanto nômade, mais que quando sedentário, foi responsável por invenções cruciais para a construção das civilizações. Enquanto povos sedentários criaram a ideia de nação, prisão, taxas, armas e canhões; são atribuídos aos nômades inventos como o fogo, a caça, a pecuária, a linguagem, as ferramentas, a arte, a religião, o mercado e a democracia: essenciais para o

desenvolvimento das civilizações que começaram a se erguer a dez mil anos atrás. Esse período “equivale a uma gota no oceano da história da evolução da humanidade”, observa Chatwin.

A liberdade de movimento conquistada nas últimas décadas através do progresso tecnológico é responsável pela nova era do nomadismo, que está provocando uma revolução profunda na identidade cultural do homem contemporâneo. “Enquanto o homem de Freud falava em honra, valores, moral, honestidade, o atual não está mais ligado a esses símbolos. Ele começa a ter um esvaziamento do conceito de cidade natal, do espaço onde cresceu, de família, de escola. Esse homem começa a ter uma diluição do laço do lugar em que mora”, explica a psicanalista Cynthia de Paoli, que participa do grupo de pesquisa *Séphora*, da UFRJ, que investiga as subjetividades do homem contemporâneo.

A americana de 22 anos Susanna Cole King, que descreve a si mesma como nômade moderna, diz nunca ter sentido que pertence a um lugar. Talvez por ter vivido uma infância peculiar durante a qual morou em quatro cidades diferentes com a família ou por ter viajado constantemente nos últimos seis anos, ela diz que “todos os lugares parecem casa, mas, ao mesmo tempo, lugar nenhum parece”. De acordo com De Paoli, “a facilidade de mobilidade que estamos vivenciando faz o mundo virar uma grande cidade, onde nos transportamos de um lado para outro o tempo todo, tornando os laços com o próprio país cada vez mais tênues. A ideia de pátria, de pertencimento a um grupo social se enfraquecem dando lugar a uma ausência de raízes frente à sua origem”, explica de seu escritório em entrevista pelo Skype.

Cole King não se desapegou apenas da cidade natal, mas também de convenções sociais como a importância da graduação. Ela diz que conscientemente decidiu não ingressar em uma universidade: “Eu não estou disposta a gastar quatro anos ou mais fazendo algo em que eu não estou interessada enquanto espero para construir as memórias que sonho em fazer. Não é preciso esperar para fazer esse tipo de coisa, você faz agora, hoje”, diz a escritora e fotógrafa.

Quando especialistas americanos analisaram o cérebro de viajantes por meio de raios-X, como conta Chatwin em seu livro, concluíram que mudanças de cenário e consciência da passagem das estações durante o ano estimula o ritmo do cérebro, contribuindo para uma sensação de bem-estar e a um propósito ativo de vida. Aos 17 anos, ver o mundo era o propósito de Cole King. Na opinião da nômade, ficar no mesmo lugar por muito tempo deixa as pessoas entorpecidas: “ficamos com a sensação de que sabemos demais ou pensamos que sabemos. Quando estou em outro país, estou vendo e tendo experiências pela primeira vez. É como ter aquele olhar de criança, admirado e questionador outra vez”. A constante mudança de ambiente tem benefícios comprovados para as pessoas. E, ao que parece, quanto mais difícil essa mudança, melhor: “existem evidências de que quanto maior o grau de dificuldade ao sair do local onde

A era sedentária equivale a apenas 0,1% da história de 600 bilhões de anos da humanidade

fica nossa zona de conforto, mais rica e mais gratificante é a experiência”, explica Matin Milton, psicólogo britânico que estuda o comportamento dos viajantes à revista *Wanderlust*. “É a diferença entre ir ver um gorila no zoológico ou em uma floresta tropical”, exemplifica. E a decisão de deixar o lar para viver o estilo instável de se locomover constantemente pelo mundo nada se parece com a de ir a um zoológico.

“Enquanto estava em um emprego que seguia uma rotina entorpecente e que, quando não era isso era abusivo, sonhava todos os dias em simplesmente me despedir e comprar uma passagem de avião só de ida para algum lugar longe dali. Então um dia eu finalmente tomei coragem e fiz exatamente isso,

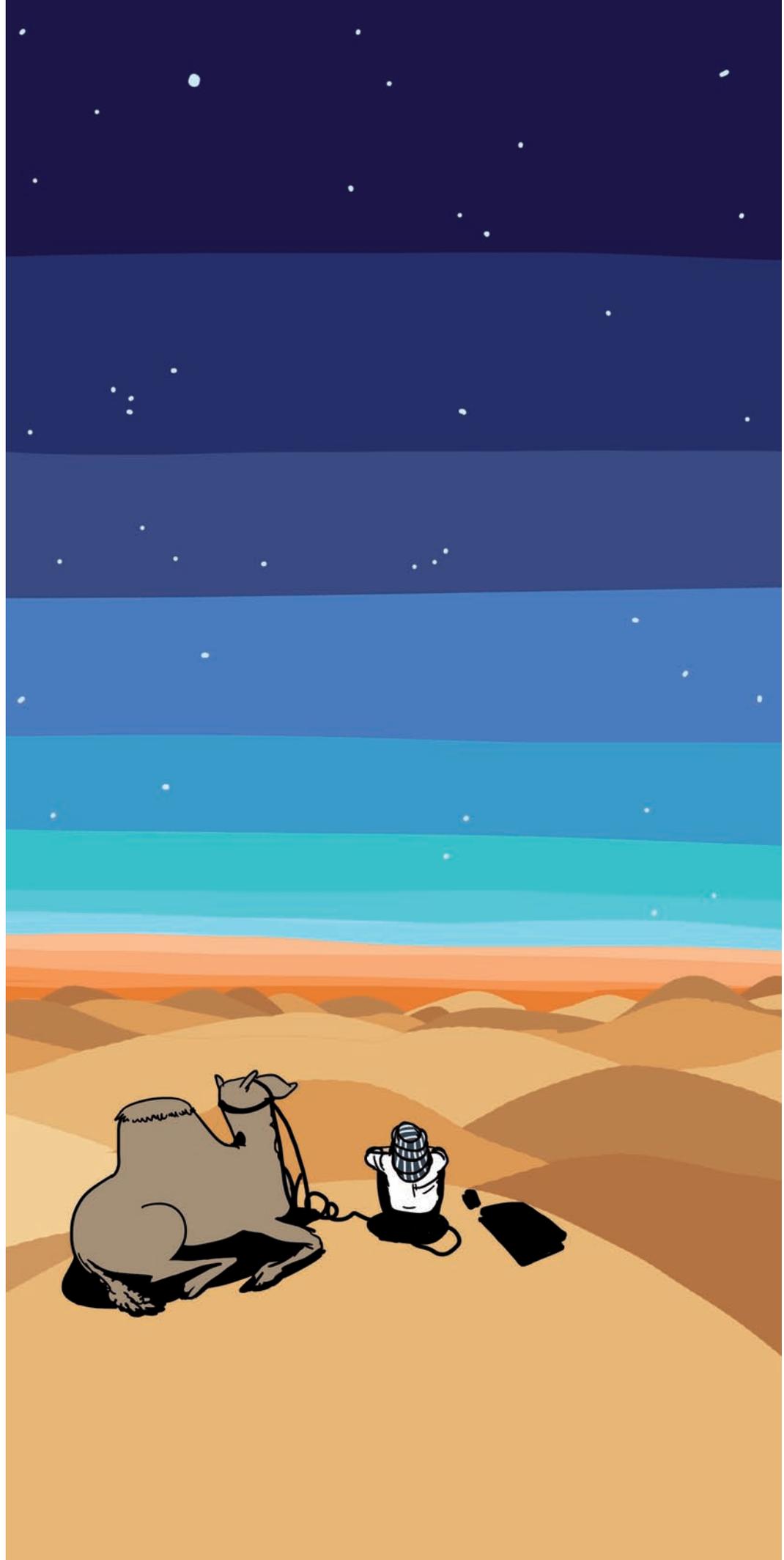
sem perguntar a opinião de ninguém”, confessa Cole King. A família da escritora tem muita dificuldade em aceitar o estilo de vida nômade que hoje ela leva. A americana conta que se não está ganhando grandes salários, é interpretada como fracassada pelos pais e por boa parte da sociedade. De acordo com a psicanalista De Paoli, pessoas mais velhas em sua maioria, têm dificuldade em entender o nomadismo como estilo de vida. Isso porque essas pessoas cresceram antes da nova era da mobilidade, “quando era muito caro viajar. Hoje em dia é possível parcelar passagens, acumular milhas. É tudo alcançável, todo mundo consegue emitir uma passagem com alguns cliques na internet.”, diz a psicanalista. De fato, sites e blogs anunciam diariamente promoções, parcelamentos e todo o tipo de oportunidade para viajar a baixo custo. Essa facilidade para fazer viagens internacionais causou uma sensação de “apequenamento do mundo”, como aponta Marc Augé no livro *Les non-lieux* (“Os não-lugares”) ou “a morte da distância”, como denominou Frances Cairncross no livro *The death of distance*. Como prova desse fenômeno, em 2012, a locomoção de pessoas no mundo ultrapassou a marca de um bilhão de viajantes internacionais pela primeira vez na história, segundo relatório do World Tourism Organization (UNWTO). O ano teve 39 milhões a mais de viajantes que 2011.

A americana Cole King, em busca do estilo de vida nômade certamente faz parte das estatísticas. Ela esteve em três continentes diferentes no último ano. Cole King tem vivido seguindo um itinerário de viajar durante o tempo que pode e parar para trabalhar quando preciso. A mudança da pequena cidade de Chewela, Washington, onde viveu durante a adolescência, para a grande Nova Iorque, onde foi aos 17 anos para estudar por dois meses foi o que a impulsionou a ter aspirações nômades. O blog que criou nesta época, o *The Girl meets New York*, acabou se tornando o espaço que hoje ela usa para documentar suas viagens constantes. O blog, inclusive, virou uma de suas fontes de renda. “De qualquer maneira, eu estou em busca de mais trabalhos que suportem completamente e coexistam com o meu estilo de vida, algo mais que eu possa fazer de modo independente e na estra-

da”, conta a americana através de entrevista por e-mail. Ela escrever em entrevistas: “consigo me expressar melhor dessa maneira”, conta.

Quando o assunto é dinheiro, a vida dos nômades modernos de primeira viagem tende a ser instável. Se o viajante opta por uma carreira profissional independente, ele “não recebe determinados direitos conquistados no histórico do trabalhador convencional”, observa Mauro Machado, professor pesquisador do grupo de *Mobilidades, vínculos sociais e território* (MOVITE), da Universidade Federal de Uberlândia. Colin Wright, por exemplo, era bem-sucedido profissionalmente enquanto sedentário, mas só começou a ganhar dinheiro suficiente para sustentar o novo estilo de vida após um ano de trabalho em movimento. O que o manteve foram algumas economias de sua vida antiga. Cole King sentiu as dificuldades financeiras na pele: “na minha primeira viagem para fora do país, visitei a Europa e a África, onde fiquei sem comida por dias. Eu já fiquei perdida durante a noite, já adoeci perigosamente, já chorei até perder a respiração e já fui defraudada”, lembra. Ela diz nunca ter apreciado a chuva como depois de ter ficado violentamente febril e fraca por uma semana no calor de Mumbai, na Índia.

Apesar da constante sensação de vulnerabilidade e das frustrações que podem vir a acontecer frequentemente quando alguém está longe de seu país de origem – seja pela instabilidade do trabalho, pela falta de familiaridade com a cultura, pela estranheza com a língua – a vontade de mover-se e o aprendizado que a experiência proporciona parecem se sobressair aos desafios para esses novos nômades. A palavra *Wanderlust*, tão comumente usada por anglofalantes para expressar a vontade de vagar dos viajantes, tem origem na língua alemã, no século XIX. Hoje, o povo que deu origem à palavra a abandonou, e a substituiu por uma que parece ainda mais apropriada: *Fernweh*, uma angústia por lugares distantes.



Viver ao extremo

Deixar o lar em troca de repentina instabilidade é, sem dúvida, uma mudança extrema no estilo de vida a que a maioria está acostumada. Mudanças voluntárias desse tipo têm sido chamadas entre os nômades modernos de *Extreme Lifestyle Experiments*, algo como “Experimentos Extremos de Vida.” O termo define uma mudança planejada no estilo de vida por um determinado período, com a intenção de experimentar novas perspectivas. O termo tem aparecido em diversos blogs de desenvolvimento pessoal e, apesar de não se saber de sua origem, o blog de Colin Wright e do também americano e nômade moderno Tim Ferris são certamente responsáveis pela sua popularidade.

Em palestra para o respeitado fórum de tendência *TED*, *Ideas worth spreading*, Wright explica que foram experimentos como esses que o levaram a querer viver um choque cultural diferente a cada quatro meses. Colocando-se nessas situações extremas, ele pretendia evoluir ao máximo em um mínimo de tempo.

Para intensificar ao máximo a experiência de ser constante estrangeiro, ele tende a ficar longe de guias turísticos e blogs de viagem. “Tem muito informação útil online, mas eu gosto de chegar a um novo lugar com um olhar ‘puro’ e com menos expectativas possível. Se eu lesse qualquer guia, provavelmente acabaria criando preconceitos e indo aos mesmos lugares que todo mundo vai. Desse jeito eu consigo chegar às minhas próprias conclusões e escrever sobre minhas próprias experiências”. O blog *Exile Lifestyle*, onde escreve sobre assuntos relacionados a seu estilo de vida é apenas uma das ocupações desse nômade moderno com todas as letras. Além de ser designer por formação e fazer trabalhos na área e criar camisetas vendidas na internet, Wright dá consultoria de marketing para empresas via internet e é autor de dez livros publicados – oito sobre assuntos relacionados à vida em movimento e dois de ficção. Ainda escreve artigos para revistas variadas e para a sua própria, a *Exiles*, *words from the road*, que tem assinatura de cinco dólares mensais. No entanto, o trabalho que mais ocupa

seu tempo são as aventuras no mundo dos negócios. Wright é o que podemos chamar de empreendedor em série. Ele cria um novo projeto sempre que vê uma oportunidade de negócio no mercado. É o caso da editora *Assymetrical*, que abriu em parceria com dois amigos que conheceu através de seu blog. O empreendedor diz apostar como nunca no sucesso da empresa e que, com sua rotina instável, acabou por negligenciar o projeto. Resolveu en-

tão instalar-se em uma casa alugada em Missoula, Montana na companhia dos outros dois criadores. Segundo ele, o blog *Exile Lifestyle* continuará atualizado com assuntos sobre empreendedorismo e desenvolvimento pessoal. Um de seus textos mais populares informa sobre dez ferramentas do que podem ser substituídas por uma única: o iPhone. Assunto muito pertinente para quem pretende viver com uma bagagem nas costas.

Na mochila de Wright, 51 pertences

Facilidade de desapego parece ser uma característica essencial para os nômades, na opinião deles próprios. É preciso deixar a casa para trás, os amigos, a família, o cachorro e claro, os pertences. Viajar o mundo com cinco ou seis malas para cuidar não é nada prático e pode custar caro bancar as taxas de excesso de bagagem. Muitos nômades contemporâneos acabam reduzindo ao máximo

coisas”), ele relaciona e retrata todas as coisas que possui no mundo, que se resumem a algumas peças de roupa, passaporte, dois cadernos Moleskini e vários equipamentos eletrônicos. “Descobri o minimalismo como resultado de querer viajar o tempo todo. É simplesmente muito mais prático! Eu estava vivendo com uma massiva quantidade de coisas em uma ótima casa em Los Angeles.

Um dia me desfiz de algumas roupas que não usava há anos e me senti superbem. Depois me liberei de outras coisas e depois de mais um pouco. Logo percebi que, quanto mais eu me desfazia do desnecessário, melhor eu me sentia. Eu me dei conta que o bem-

seus pertences e levando consigo apenas o que cabe na mala ou mochila. Essa necessidade deu origem a uma filosofia que vêm aparecendo cada vez mais na blogosfera: o minimalismo.

Para Wright, o minimalismo é um de seus *Extreme Lifestyle Experiments* mais radicais. Em um texto intitulado *51 things* (“51

-estar estava vindo do fato de não ser mais responsável por guardar e manter tantas coisas. Eu ficava mais livre a cada sacola levada para fora”, explica.

O estímulo inicial do empreendedor foi se livrar de coisas que não precisava para que pudesse viajar nos próximos meses sem se preocupar, com o que deixaria para trás.

Fonte: www.theminimalists.com



Trabalhador independente de localização

Dentre tantos artigos direcionados aos nômades modernos na internet, o tópico mais comum é, certamente, o trabalho. Como deixá-lo compatível com o estilo de vida itinerante? Guias como *Crie seu próprio negócio e o torne independente de localização*, *Como encontrar ideias para um negócio que seja administrável de qualquer lugar* e *Como conseguir clientes do mundo inteiro* são comumente encontrados em blogs sobre o novo nomadismo. O site *Location Independent* publica periodicamente artigos de como se tornar um “trabalhador independente de locação” e oferece uma rede social para que os interessados no assunto possam se relacionar. Quem sonha em deixar a estabilidade do escritório tem mesmo uma desafiadora transição pela frente. Trabalhar produtivamente em meio às imagens de cartão-postal de Paris e se concentrar nos movimentados cafés de Buenos Aires parece ser a maior adaptação que encaram os que se arriscam nessa empreitada.

Há cerca de seis anos, trabalhando em sua própria empresa de design e consultoria em Los Angeles, Colin Wright já se realizava profissionalmente. Estava feliz com o dinheiro que produzia e não havia dificuldades para arranjar clientes. O que pode parecer um cenário ideal para a maioria, não era para ele, que trabalhava de 100 a 120 horas por semana criando peças de design ao gosto dos clientes. Sua ambição era conquistar o primeiro milhão antes dos 20 anos, quando deixaria o país para viajar o mundo. A fim de estimular seu lado artístico, que não praticava fazendo peças comerciais, resolveu experimentar o primeiro *Extreme Life Experiment* de sua vida. No blog *Colin is my name*, ele postava todos os dias um desenho, um texto e uma fotografia de sua autoria. O projeto rendeu muitos desenhos “tolos”, como ele mesmo os descreve, mas o aspecto fotográfico do projeto foi o que realmente impactou sua maneira de pensar: “carregar uma câmera para todos os lugares muda a perspectiva que se tem da vida, porque você caminha enxergando tudo como uma pos-

sível fotografia. De repente, o mundo vira uma grande composição artística”, explica em sua palestra no TED. Desse experimento, ele concluiu que é possível aprender com qualquer coisa nova que se faça. A partir daí, surgiu a ideia de se desapegar do projeto de guardar um milhão de dólares para viajar o mundo e simplesmente começar a viajar.

Para tornar seu trabalho compatível com o novo estilo de vida, Wright reduziu o número de clientes e passou a aceitar apenas projetos que atendiam a critérios específicos: “os que poderia completar rapidamente, que poderia fazer à distância e que dariam lucro satisfatório”, conta ele. Finalmente, o designer vendeu todos os pertences que não couberam na sua mochila de viagem. “Isso diminuiu significativamente o número de coisas com que eu teria que me preocupar e me deu uma quantia de dinheiro para comprar as passagens iniciais e me manter por um tempo”, relembra.

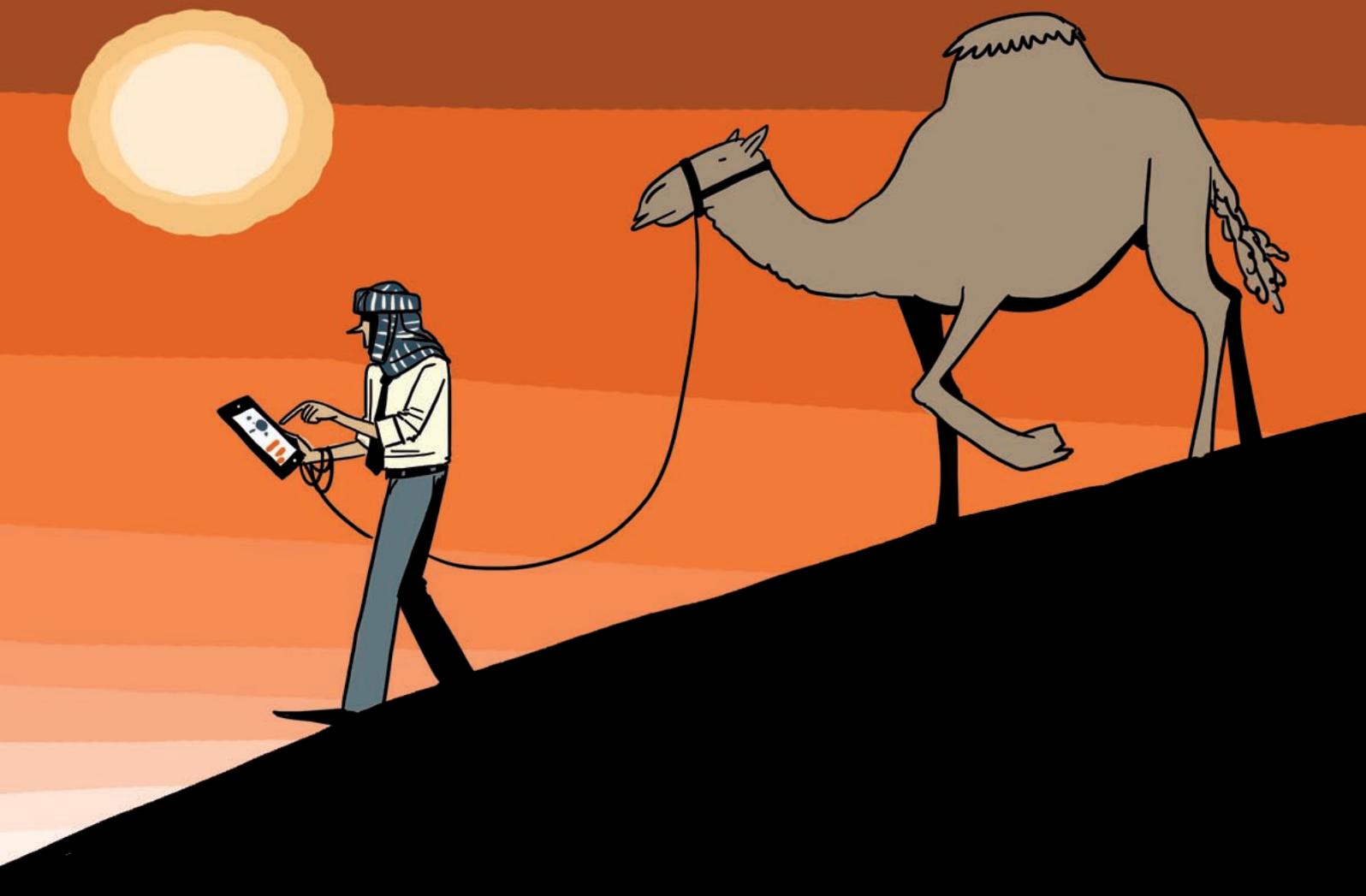
“O local onde se está não importa, pois eles se tornam autossuficientes com a tecnologia”

O primeiro destino do novo nômade foi Buenos Aires, onde alugou um apartamento por quatro anos. Nesse tempo, viajou por diversas cidades do país e da América do Sul. Na opinião de Wright, a transição de trabalhador sedentário para nômade é claramente mais prática para quem já trabalha em áreas de conhecimento como o design, fotografia e letras. Principalmente naquelas que já mostram um espaço natural para trabalhadores autônomos e *freelancer*. O indiano Mauktik Kulkarni, ciente

disso, deixou o emprego de quatro anos como neurocientista nos Estados Unidos, onde desenvolvia uma ferramenta médica para auxiliar no diagnóstico de Alzheimer, para tentar a vida como escritor e cineasta. Para ele, trabalhos nessas áreas são muito mais compatíveis com a vida de nômade. “Eu sempre gostei muito de viajar, então quando terminei o mestrado em Neurociência nos EUA, decidi viajar pela América do Sul em uma motocicleta durante seis semanas, em 2008. Nessa viagem, eu conheci muita gente que deixou seu trabalho fixo para trabalhar na estrada, explica o autor do livro que registrou sua primeira aventura: *A Ghost of Che - a writer in search of self-identity*. “Quando voltei aos EUA, comecei a planejar uma vida em movimento. Em 2008, eu pensava que nunca conseguiria fazer isso. Mas depois que publiquei um livro sobre minha viagem comecei a planejar os meus próximos movimentos. Depois de economizar por quatro anos, larguei meu trabalho, criei um blog e compreí uma passagem só de ida”, conta Kulkarni.

Manter algum tipo de público na internet parece ser regra entre os nômades modernos. Através do *Exile Lifestyle*, Wright faz parcerias para trabalho, além de amigos dispostos a recebê-lo e acomodá-lo em diversas cidades. Segundo estimativa de 2012 do site *IncomeDiary.com*, os três blogs mais lucrativos do mundo faturam, cada um, mais de 15 mil dólares por dia.

O estudante de design Daniel Cooper, da Faculdade Chelsea de Arte e Design em Londres registrou a sua empreitada nômade no blog *danielcooperfmp.tumblr.com*. Inspirado por artigos sobre nomadismo e com um estágio obrigatório restante para se graduar na faculdade, Cooper resolveu ter a experiência mais intensa possível durante o período de um mês que tinha para estagiar. O estudante entrou em contato através de e-mail com estúdios de design por toda a Europa propondo dois dias de trabalho gratuitos em troca de aprendizado e conselhos. O projeto deu tão certo, que logo Cooper pegou um avião e, em um



mês, trabalhou em estúdios de design na Islândia, Turquia, Sérvia, Suíça, Alemanha, Dinamarca e nos Países Baixos. No fim da jornada, voltou a Londres e hoje, já formado, trabalha em uma empresa bem adequada para o estilo de vida nômade que é desejo do designer: a revista *Boat Magazine*. A revista de arte, design e comportamento se define como nômade, trocando sua sede de endereço e cidade a cada seis meses, a fim de retratar com maior fidelidade a cena de arte do local. Em artigo para a revista *Computer Arts*, Cooper escreveu sobre o estilo de vida que pretende seguir: “Para os nômades, o local onde se está não importa, pois eles se tornam autossuficientes com a tecnologia”.

A experiência de Cooper chama a atenção para a tendência de relações profissionais ocorridas através da internet. O recente crescimento da rede social para profissionais *LinkedIn* que, segun-

do o artigo 7 *Social Networks to Watch* de Ryan Holmes na *Fortune Magazine* será uma das próximas redes sociais de sucesso, é um exemplo dessa tendência.

Um dos exemplos mais significativos das novas relações profissionais causadas pela cultura da mobilidade é percebido no surgimento de empresas com modelos de organização de trabalho inovadores, sem sede ou mesmo sem escritórios. Essa mudança não se refere aos já conhecidos *home office* (escritórios em casa) ou a funcionários autônomos. Essa nova relação se dá dentro de empresas propriamente ditas, que trabalham através de um escritório virtual. Os trabalhadores escolhem seu horário e lugar de trabalho, já que estão sempre em contato com a empresa através de e-mails, Skype, Facebook e afins. A tendência está dando origem inclusive a companhias que oferecem serviços para “treinamento de voz”, como a

Voice Coach, que ensina o modo apropriado de se portar e falar em reuniões e conferências online com clientes.

A comunicação constante pela internet é fundamental para o funcionamento da Automattic Inc, empresa de desenvolvimento web que criou o serviço de blogs gratuito Wordpress. Isso porque a sede, em São Francisco, está em constante contato com os 140 funcionários espalhados em países dos cinco continentes. Além dos usuais benefícios como seguro-saúde e cobertura de custos em viagens a trabalho, os empregados da empresa desfrutam de uma política livre: “encorajamos nossos funcionários a estabelecer suas horas de trabalho, de férias, estimulamos que tirem tempo para desenvolver habilidades e ficar com a família”, explica Kate Wau-ck, Executiva de Contas Sênior. Uma vez por anos, a empresa toda se reúne em alguma das capitais do mundo.



Os limites da mobilidade

Trabalhar em movimento exige muita disciplina e organização. Ou logo o trabalho que pode ser feito de qualquer lugar a qualquer momento pode vir a se tornar um trabalho feito em todos os lugares durante todo o tempo. Antes da Revolução Industrial, não havia distinção clara entre vida pessoal e trabalho. As pessoas permaneciam o tempo todo nos arredores de casa desenvolvendo tarefas artesanais ou de lavoura. Esse cenário mudou drasticamente com o surgimento da Indústria, que levou as pessoas do campo à cidade, iniciando um ciclo de casa/trabalho, trabalho/casa. Depois desse fenômeno, construções de frase como “vou ao trabalho” e “voltei do trabalho” se tornaram comuns no dia-a-dia. Desde então, “quando o indivíduo deixa o local de trabalho ele está também finalizando a jornada. Durante o período de férias, pela impossibilidade de comunicação, o trabalho é interrompido. Mas com a conectividade permanente, não existem lugares sem comunicação”, explica o professor doutor Eduardo Pellanda no artigo *Nomadismo em espaços sociais*.

Os nômades já não precisam ir ao trabalho, pois o fazem de qualquer lugar. Para James Katz, professor da Universidade Rutgers, isso gera uma questão preocupante: o stress. “Pessoas julgam o que devem alcançar pela medida do que conseguem alcançar”, diz à revista *The Economist*. “Com a tecnologia de hoje, nós podemos, teoricamente, sempre alcançar mais”, explica. Para o nômade Luis Suarez Gonzalez, Gerente de Conhecimento na empresa IBM Software Group, é preciso trabalhar de um jeito mais inteligente, não necessariamente trabalhar por mais tempo. Gonzalez é uma espécie de nômade moderno rara. Empregado pela mesma empresa a 15 anos, passou os últimos 13 viajando, tendo já vivido em 11 países. No blog que iniciou em 2005, o *elsua.net*, um dos posts mais populares conta como ele faz o que precisa em 40 horas semanais, uma conquista considerando seu volume de trabalho.

A fim de usufruir das cidades, os nômades modernos buscam incessantemente por ferramentas que auxiliam na produtividade e organização. Para a americana Natalie Sisson, empreendedora nômade e autora do blog *Suitcase Entrepreneur*, três ferramentas são essências para trabalhar em movimento: um laptop, conexão com a internet e o que chama de “um certo *mindset*”, ou seja, um condicionamento do cérebro que permite ao nômade trabalhar em qualquer tipo de ambiente. Trabalhar dessa maneira é, certamente, uma tarefa desafiadora para pessoas que estão habituados a “ir e voltar do trabalho”. É verdade que os novos nômades são trabalhadores independentes de localidade e, se assim quiserem, de horários pré-estabelecidos. Colin Wright, por exemplo, diz não saber a muito tempo o que é rotina. “A minha rotina é não ter nenhuma rotina. Não é exagero dizer que acordo sem a mínima ideia de como será meu dia”, conta ele. Apesar de usufruírem dessa liberdade física, os nômades modernos são, por definição, dependentes da conexão com a internet. E apesar de a tecnologia *wireless* estar difundida no mundo,

invadindo não só estabelecimentos comerciais como espaços públicos, diversas cidades ainda sofrem com escassos ou inexistentes sinais de rede. Wright conta que no segundo destino de sua trajetória nômade, a Nova Zelândia, teve que reduzir o período pré-estabelecido de quatro meses de estadia para apenas dois. Acontece que as belas paisagens da ilha proporcionavam momentos de tirar o fôlego, mas o país pecava na velocidade da conexão. Segundo ele, poucos eram os estabelecimentos que ofereciam Wi-fi e mesmo as linhas de internet assinadas deixavam muito a desejar. O americano então se viu obrigado a deixar o lugar que parece ter sido desenhado para turistas, que viajam a fim de esquecer os compromissos profissionais. Para Wright esses compromissos eram essenciais para a sua sobrevivência como nômade.

Constantes despedidas

É inegável que a vida nômade inclui uma desagradável quantidade de despedidas, tanto de lugares como de pessoas. É preciso praticar constantemente o desapego, uma das qualidades fundamentais para um nômade, na opinião de Susanna-Cole King. Mas, ao que parece, as despedidas acabam tornando-se menos dolorosas quando se está em movimento. Isso porque as novidades e os trâmites com os quais o viajante tem que lidar nos novos destinos preenchem o vazio deixado pela perda, como explica Gustav Andersson no artigo *Saying goodbye* no blog *The Modern Nomad*. Além disso, como observa Wright, “nós vivemos no futuro e, com toda essa tecnologia, não existe mais adeus, apenas ‘até logo’”.

Na opinião de Andersson, a naturalidade com que os nômades tratam as despedidas se explica pelo fato de que suas vidas são isentas de rotina. Quem faz as mesmas coisas diariamente está mais vulnerável a sentir falta de algo ou alguém quando este lhe é tirado. Um hábito é quebrado e a rotina fica repentinamente com uma lacuna. Wright se sente sortudo por não ter uma casa no país natal da qual sentir falta. “Parece piada, mas é verdade! Não ter um lugar nos EUA onde guardo minhas coisas, minha cadeira, cama e camisa preferidos me permite acomodar-me por completo onde eu estiver, porque esse novo lugar vira, mesmo que momentaneamente, minha única casa”, esclarece.

As diferenças extremas no modo de pensar dos nômades modernos em comparação com o resto da sociedade são apenas um dos reflexos das mudanças que esse fenômeno está provocando. A tecnologia da mobilidade evolui a cada minuto e não podemos prever todas as nuances em que ela afetará a maneira como trabalhamos, nos comportamos e nos relacionamos. Mas não há dúvidas de que irá. Nômades recém-nascidos estão encontrando maneiras diversas de se sustentar em movimento e refazendo as regras de trabalho. É claro que sempre existirá uma parcela da população que critica mudanças e os saudosos que sempre desejam o retorno dos dias mais simples. Mas de sua cadeira de escritório, o homem sedentário já assiste no computador as movimentações dessa tendência movida por pessoas destemidas o suficiente para dar os primeiros passos em direção a uma nova era nômade.

AGRADECIMENTOS

Chris Guillebeau
Clea Savi Fragnani
Colin Wright
Cynthia De Paoli
Felipe Parucci
Guilherme Pelizza
Nelson Oliveira
Markus Albers
Mauktik Kulkarni
Mauro Machado
Susanna-Cole King